

Vêm aí as Crônicas Cooperativistas

Nada na vida se repete. Nada. O segundo que passou, o dia que terminou, o instante que marcou. Quem dirá, então, os anos... É curioso pensar que, embora nenhuma idade se repita, por exemplo, insistimos em tornar algumas delas um verdadeiro marco – e dizer a uma criança resistente à ideia de um bolo-e-refrigerante comemorativo na escola, por exemplo, que "não se faz 10 anos duas vezes".

Mas quando o assunto envolve instituições, essa lógica (embora até redundante) passa a fazer muito sentido. Porque num mercado competitivo e volátil; mais ainda num contexto em que iniciativas não-tradicionais enfrentam descrédito, regramentos endurecidos ou até competitividade desleal, sobreviver quatro décadas consecutivas é, na verdade, um grande triunfo. Igualmente irrepetível.

Dá trazermos de Janeiro a Dezembro de 2026, nas páginas deste boletim, as *Crônicas Cooperativistas*. São textos reflexivos e simbólicos acompanhados de pequenos causos sobre o Sicoob Credivertentes. Ou melhor: sobre o impacto de uma instituição que começou com 22 homens do campo, se transformou numa potência com mais de 50 mil Cooperados e tem muito mais a realizar.

Página 3



E POR FALAR EM ANIVERSÁRIO: O PLANO REAL COMPLETA 30 ANOS

Em 1994, uma nova moeda entrou no bolso brasileiros. Era o Real, instituído com um plano de mesmo nome que propunha, na verdade, uma verdadeira reforma econômica. Tudo para estancar, além da sangria da hiperinflação, diversas outras feridas num país que vivera, há pouco, o Plano Collor, um *impeachment* presidencial e outros traumas históricos.

Página 10

Conheça mais histórias do Padre José Duque

"O sacerdote, atento aos acontecimentos sociais e aos sinais de mudança, costumava dizer que chegaria um tempo em que o mundo seria tão diferente que pareceria 'outro'. Fernando Campos presenteia esta edição do *Sabores & Saberes* com novo artigo sobre uma das personalidades mais emblemáticas na sociedade – e religiosa – são-tiaguense.

Página 15

É preciso falar sobre o Universo

"Mundos evoluídos, esferas luminosas e santuários magníficos pulsam, povoam o cosmos. Reinos siderais de energia e matéria, sistemas estelares e constelacionais, famílias planetárias dimanam, universo afora, através de diferentes dimensões e realidades, por onde Deus irradia Seu pensamento supremo, pleno, soberano, incognoscível, à mente humana".

Página 17

PREÂMBULO

RELAÇÕES MENTAIS E ESPIRITUAIS

Todas as relações mentais e espirituais se interagem através do psi-quismo e dos desejos. Somos influenciados e influenciamos o tempo todo. Uma intensa, arrebatadora convivência física, mental, espiri-tual. Estradas aparentemente abstratas por onde fluem imagens, pensamentos, ideais em sistema de mão e contramão. As pessoas, por força da influência energética, se fusionam, sintonizando ou repelindo contínuos impulsos, aspirações, dependendo do aspecto moral em que colocamos nossas relações e mentes.

Os campos gravitacionais, que nos circundam com seus influxos magnéticos, podem ser benéficos ou malsãos. Dependem de nossa sintonia, cabendo-nos a utilização de ferramentas sublimadas (pre-ce, meditação, a prática e nutrição de bons pensamentos, conver-sas sadias, o desejo do bem, a criação de ambiente positivo, magne-tizado, a ligação com o Divino). Compete-nos deixarmos a condição de meros passageiros do mundo e assumirmos a postura de leais ope-rários da vida e do progresso, atendendo ao chamado diário do de-ver, deixando à nossa passagem um legado de amor, perdão, inclusão.

Todos somos espíritos. "Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experi-ência humana" (Teilhard de Chardin). O mundo é um só nas mais diversas dimensões. Dadas as nossas ações pretéritas, há seres que nos são desafetos, com quem cabe-nos reconciliar. O mal ainda vi-ceja na terra em função da natureza rude e da psicofera turbulen-ta, belicosa de seus habitantes. E há os amigos benfazejos, angeli-cais que nos apoiam, agindo como instrutores, convivas do carinho e do amor divino. Seres que, por expressa delegação celestial, se pre-ocupam com nossos êxitos, a ascensão e remissão de toda a socieda-de. O Senhor vela e zela por todos nós, ainda que ovelhas desgarradas (Mt 18, 12-14)

Adivinhas/Charadas



- 1- O que é que o boi tem e não é dele?
- 2- Qual a carta que não leva recado?
- 3- Qual o parentesco entre as moedas?
- 4- Qual é o ser que viaja sem a cabeça?

Respostas: 1) A marca do dono; 2) A carta do bara-lho; 3) Elas são cunhadas; 4) O pé.

Provérbios e Adágios

- O amor faz passar o tempo; o tempo faz pas-sar o amor.
- Ainda que chegues a viver cem anos, nunca dei-xes de aprender.
- Abraço não tira pedaço.
- Não dê para o rato o que é do gato

Para refletir

- Deus entra em nossa história exatamente onde pensamos que tudo terminou.
(Henri Nouwen)
- Aprender a terminar também é uma forma de co-mear.
(Clarice Lispector)
- O essencial quase nunca faz barulho.
(Rubem Alves)
- Caminhar junto não exige pressa, exige acordo.
(Mia Couto)



Imagem
de São
João
Batista
de Tábua

TESE ACADÊMICA – IMAGEM DE SÃO JOÃO BATISTA

Registramos/cumprimentamos o Sr. Luís Henrique de Aze-vedo pelo seu brilhante trabalho de conclusão (2025) do curso de graduação – conservação e restauração de bens culturais moveis pela Escala de Bels Arts da Universidade Federal de Mi-nas Gerais com o tema "São João Batista estudo de uma pin-tura sobre madeira" imagem representativa, histórica e devo-cional da comunidade morroferrense.

Agradecemos o autor pela referência/citação de nosso bole-tim – o que muito nos honra como fonte bibliográfica em seu trabalho pioneiro e do mais alto impacto cultural e artístico. Votos de sucesso sempre.

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diélla
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

40 ANOS

DO SICOOB CREDIVERTENTES:

UMA TRAJETÓRIA DE TRANSFORMAÇÃO – E MATURIDADE

Chegamos a 2026, ano que marca o 40º aniversário de fundação do Sicoob Credivertentes. Ou melhor: uma jornada de desafios, dedicação e inspiração além de forte compromisso humanista e social. Tudo isso construído, claro, por muitas e quantas mãos e mentes – com simplicidade, eficiência e jeito mineiro de ser.

Mas veja só: me lembro claramente do exato momento em que abrimos nossas portas. E é extraordinário testemunhar, quatro décadas e 28 Pontos de Atendimento mais tarde, que jamais as fechamos, nem um dia sequer.

Sim, resistimos mesmo passando por traumas e golpes como a extinção do BNCC, em 1990, e da Minas Caixa, em 1991 – com os quais mantínhamos convênio para compensação de Cheques.

Como esquecer, ainda, do Plano Collor que confiscou todos os Depósitos de correntistas? Ou das greves de instituições bancárias que deixaram o país à matroca? Ainda assim e apesar de tudo... **PORTAS SEMPRE ABERTAS!**

Daí lançarmos, a partir de agora, essa série de artigos. As *Crônicas do Cooperativismo* registram a História, resgatam a Memória, lembram o pioneirismo dos nossos idealizadores e o denodo visionário dos nossos dirigentes – todos trabalhando juntos por autonomia creditícia, impulsionamento de nossas Comunidades (muitas desprovidas de atenção do Sistema Bancário convencional), negócios sustentáveis, soberania desenvolvimentista e, acima de tudo, Cidadania.

Dessa forma, abordaremos alguns aspectos desse período múltiplo e plural, eixado tanto de tenacidade e seriedade quanto por desafios enfrentados coletivamente, por toda gente. Uma gente que disse “sim!” aos ideais Cooperativistas, à Justiça Financeira, à diversidade cultural e, acredite, à sustentabilidade ambiental.

Porque é assim, unindo e conectando forças, que transformamos nossos destinos enquanto promovemos desde inclusão à inovação. Afinal, como bem definiu Roberto Rodrigues, “O Cooperativismo é o único movimento capaz de responder às grandes ameaças que a exclusão social representa contra a Democracia e a Paz”.

Pois bem: é algo belíssimo de se pensar, extremamente desafiante para fazer. Que o digam os fundadores do Sicoob Credivertentes que sentiram na pele a desconfiança e o descredito tanto do povo (num primeiro momento) quanto de instituições tradicionais. Isso sem falar nos impasses que vieram depois, como conflitos de lideranças; legislações dificultadoras do Banco Central; e o próprio desconhecimento da proposta Cooperativista.

Muitos causos podem ser contatos a partir disso – e é o que tentaremos fazer.

NAQUELE OVINHO?

Em meados dos anos 1980, cabia à Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg) o ínvio trabalho de reativar o Cooperativismo de Crédito – nocauteado em todo país pelo Regime Militar – em nosso Estado e no País.

Eis que justamente nesse contexto uma comitiva de Produtores Rurais sai do interior e dirige-se à sede da instituição na capital, Belo Horizonte. Como toda coincidência é pouca, o grupo acabou recebido por um técnico que por ventura conhecia São Tiago – ainda longe de ser a Terra do Café com Biscoito.

Pois bem, Inteirado do assunto e sem esconder a perplexidade o técnico diz:

– Uma Cooperativa de Crédito em São Tiago? Aquele... ovinho?

Dissemos então, de novo esforço e sem recuar:

– Queremos criar, sim, a Cooperativa. O pequeno, meu senhor, também tem o direito e o dever de crescer.

A resposta na ponta da língua – e com orgulho – precisou ser repetida outras vezes. Afinal, ouvimos em outro ambiente oficial:

– Mas vocês hão de convir que homens do campo não são aptos a administrar instituições financeiras...

Os impasses, no entanto, ficaram longe de restritos a esse tipo de discurso, à descrença e até algum deboche à nossa ousada proposta. Porque houve também empecilhos jurídicos. Um exemplo? O silêncio ensurdecedor de instâncias superiores a quem precisávamos “pedir as bênçãos”.

Sim, embora protocolando infinitos documentos e cumprindo todos os trâmites legais e administrativos para constituir nossa Cooperativa... instituições acima de nós não se pronunciaram quanto ao nosso caso no intervalo previsto, de 60 dias.

Mais do que um exemplo de que “quem cala consente”, essa ausência de resposta configurava ali o chamado “deferimento tácito” nos termos da Lei 5764 – conhecida como Política Nacional do Cooperativismo. Nela, diz o Artigo 18: “A falta de manifestação do órgão controlador no prazo a que se refere este artigo implicará a aprovação do ato constitutivo”.

Mesmo assim, insistimos num “porquê”. Eis que, questionado informalmente quanto à não manifestação do nosso pleito durante evento, um técnico governamental disse que instituições financeiras administradas por “homens de botinas” não teriam boa recomendação.

Pois bem: o descompasso entre a realidade interiorana e o *establishment* oficial eram, além de consideráveis e lamentáveis, preconceituosos.

Mas, como dizem na internet, “deixamos aqui um alerta de spoiler”: vencemos tudo isso. E de botinas nos pés.

SIMPLÍCIO FERREIRA CAMPOS: GERAÇÃO DA FAMÍLIA CAMPOS EM SÃO TIAGO

No coração de Minas, entre as serras de Ibertyoga e os vales de Barbacena, nasceu em 8 de março de 1818 um homem que constituiria uma das famílias mais tradicionais da região: Simplício Ferreira Campos. Filho de Jacinto Gonçalves Campos e Luiza Euqueria do Sacramento, Simplício foi batizado poucos dias depois, em 27 de março, na antiga capela de Santo Antônio da Ibertyoga, quando o Brasil ainda dava seus primeiros passos como nação independente.

Descendente de uma linhagem de homens e mulheres ligados à terra e à fé, Simplício cresceu entre os costumes rurais e religiosos que moldaram o caráter mineiro do século XIX. Era uma época em que as famílias viviam em fazendas isoladas, sustentadas pela agricultura e pela criação de gado, onde o trabalho, a palavra dada e a devoção a Deus eram os maiores patrimônios.

As estradas de chão que ligavam Ibertyoga, Barbacena, São João del-Rei e São Tiago serviram de caminho para sua história e para a habitação de seus descendentes. O sobrenome Campos, herdado de seus antepassados portugueses e enraizado em solo mineiro, tornaria um símbolo de uma família numerosa, respeitada e duradoura.

Em 9 de maio de 1844, Simplício uniu-se em matrimônio a Ignácia Felisarda de Paula, natural de Barbacena, nascida em 1823, filha do Capitão Francisco de Paula Rodrigues e Constância Claudina da Costa. Foi com ela que construiu a sua família e da união nasceram vários filhos, que mais tarde se espalharam por diferentes localidades mineiras, levando consigo o nome e os valores do pai.

Os filhos e descendentes de Simplício

Entre os filhos conhecidos de Simplício e Ignácia estão:

- **Francisco Campos**, nascido por volta de 1845;
- **Constância de Paula Campos**, nascida em 1850, em Barbacena;
- **Elisário José de Campos**, nascido por volta de 1860, casado em 1897, em São João del-Rei, com **Luisa Carolina Pinto**. Dessa união nasceram:
 - Maria de Campos.
 - Amélia de Campos.
 - Henrique Augusto de Campos (03/03/1902), casado com Anunciação do Nascimento Santos (13/08/1923, Morro do Ferro/Oliveira).
 - Mariela Augusta da Trindade.
 - Anélisa de Campos.
 - Luiz de Campos.
 - Francisca Vítia das Mercês, casada com Francisco José de Assis.
- **Anna Esméria de Campos**, casada com Joaquim José de Paula, com quem teve pelo menos quatro filhos:
 - Altiva Guilhermina das Mercês, casada com Oscar Inácio de Paiva.
 - Maria de Paula Campos.
 - Joviano Procópio de Paula.
 - Arthur de Paula Campos, casado com Laudilina Olympia de Paiva.
- **Dionísio Ferreira Campos**, falecido em São Tiago, casado com Maria Paulina Cândida de Jesus; tiveram ao menos dois filhos:
 - Joaquim Augusto de Campos (08/08/1887 – 24/02/1966), casado com Albina Rosa de Jesus.
 - Ivo Batista de Oliveira (1890 – 1984), casado com Maria Nunes Ferreira na 1ª núpcias e com Maria Salomé de Jesus na 2ª núpcias.
- **Joaquim Carlos de Campos**, nascido em Ibertyoga, casou-

-se em 30/06/1888, em São Tiago, com Francisca Bernardina de Paula (nascida provavelmente em 1869 e falecida em 21/12/1941). Tiveram numerosa descendência, entre eles:

- Maria (23/02/1889) – falecida no mesmo dia.
- José Campos (03/04/1890 – 11/09/1947), casado com Maria de Lourdes Rezende e, depois em segunda núpcias, com Ester da Silva Campos.
- Maria Ilídia de Campos (07/07/1891 – 17/10/1966), casada com João Batista da Silva.
- Francisco Eugênio Campos (21/02/1893 – 21/03/1971), casado com Abertina Verônica da Silva.
- Antônio Campos (08/07/1894 – 09/07/1965), casado com Ana Maria de Rezende.
- Ignácia (11/12/1895), falecida ainda criança.
- Maria de Alacoque Campos (28/12/1896 – 20/10/1984), casada com Antônio Misael Santiago.
- Joaquim Campos Filho (22/05/1888 – 27/09/1966), conhecido como “Quinzinho Cego”.
- Filomena de Campos (09/02/1900 – 03/06/1978), casada com Geraldo de Souza Rezende.
- Maria da Conceição Campos (21/06/1903 – 12/06/1966), casada com João Batista Rodrigues.
- João Batista Campos (11/11/1904 – 31/10/1965), casado com Maria do Carmo de Oliveira.
- Ilídio Campos (22/08/1906 – 08/08/1980), casado com Lucila Mendes de Almeida.
- Geraldo Campos (02/09/1908 – 07/06/1993), casado com Maria do Coração de Jesus.
- Gabriel (06/1912 – 02/02/1913).

Essas famílias, ao longo das décadas, se estabeleceram em São Tiago, Ibertyoga, Barbacena, São João del-Rei e outros municípios, formando união com famílias tradicionais como os Paula, Cândida, Pinto, entre várias outras. A genealogia de Simplício foi cuidadosamente estudada por pesquisadores e historiadores como Gilson Campos e Carlos Andrade de Oliveira Júnior, a quem agradecemos.

ORIGENS PORTUGUESAS DA FAMÍLIA CAMPOS

A história da família, porém, remonta muito antes do nascimento de Simplício. Suas raízes alcançam a região de Braga, em Portugal. O ancestral mais antigo registrado é Francisco Gonçalves, que se casou com Catarina Francisca em 4 de setembro de 1608, na freguesia de São Vítor, Braga, Portugal. Segundo a genealogia, seu bisneto, Capitão Dionísio Gonçalves Campos (18/04/1726 – 10/11/1802), nascido em Courel, Barcelos, Braga, Portugal (filho de Manuel Gonçalves Campos e Anna Manoel) desembarcou no Rio de Janeiro e adentrou o interior do Brasil, estabelecendo-se finalmente em Minas Gerais.

Casou-se em 1761, em São João del-Rei, com Tereza Maria de Jesus, e seus descendentes integraram-se à sociedade da Capitania de Minas, contribuindo para a formação da sociedade do final do período colonial e do início do Império.

LEGADO

O sobrenome “Campos” faz referência a áreas de terra grandes e planas. O sobrenome surgiu originalmente para identificar pessoas que moravam nessas regiões ou que trabalhavam com atividades relacionadas, como agricultura ou criação de animais. Sua origem é da Península Ibérica, onde há uma região chamada “Terra de Campos”, e foi difundido em Portugal.

Embora os registros não nos revelem o ano de sua morte, o nome de Simplicio Ferreira Campos permanece como umas das origens da família Campos de São Tiago. Sua história esteve presente entre o passado colonial e o Brasil moderno, vivenciado com a força de quem, em tempos de simplicidade, construiu com trabalho e fé as bases de uma descendência duradoura.

Hoje, ao lembrarmos de sua história, não mencionamos apenas datas ou nomes, mas um espírito de continuidade, o mesmo que unia as famílias mineiras em torno da terra, da casa, dos valores e dos costumes. A memória de Simplicio tem em cada geração, que leva o sobrenome Campos, a verdadeira herança de um patriarca não são as posses, mas o legado moral e afetivo que atravessa o tempo.

Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

REFERÊNCIAS

FAMILYSEARCH. Tree — Person/family LDB2-2LM. FamilySearch. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/tree/person/family/LDB2-2LM> Acesso em: 18 nov. 2025.

SABORES E SABERES. Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região, São Tiago, n.º XXXII, maio 2010.

A “SOMBRA DA FIGUEIRA”

Dizia o povo antigo de São Tiago e os mais antigos descendentes, que o Sr. Simplicio Ferreira de Campos, homem trabalhador, sério, mas de um senso de humor, tinha uma mania: todo problema ele resolvia sentado à sombra da velha figueira, ali perto do caminho que levava às roças.

Certa vez, em um mês de agosto seco, um vizinho andava preocupado porque uma novilha havia sumido. O animal era de Sr. Pedro, homem desconfiado, que logo achou que alguém tinha levado o bicho “na falsa”.

Como ninguém encontrava sinal da novilha, correram chamar o Sr. Simplicio, respeitado por sua paciência e pelo jeito de encontrar solução até para problema que ninguém sabia que tinha.

– “Sr. Simplicio, minha novilha sumiu!” — disse Sr. Pedro.

Ele apenas coçou o bigode, ajeitou o chapéu de palha e falou:

– Então “vamo” esperar a figueira falar. Ela sempre sabe desses caminhos tortos.

E lá foram todos, caminhando atrás dele, já que era a última alternativa.

Chegando na sombra da figueira, o Sr. Simplicio se sentou, cruzou os braços e ficou olhando pro nada, como quem escuta coisa que os outros não ouvem. O povo ali ao redor, curioso, em silêncio.

Depois de um tempo que pareceu mais longo do que o terço de domingo, ele levantou devagar e disse:

– “A novilha tá viva. Não foi roubada, não. Tá preso no “emboque” do brejo, perto da divisa do Córrego. Pode ir lá, Sr. Pedro.”

E ele, meio duvidando, meio acreditando, correu para o tal lugar.

Não deu meia hora e voltou gritando:

– Estava lá mesmo! Presa no barro! Do jeitinho que o senhor falou!

Ele comemorou, mas o Sr. Simplicio só riu de canto de boca e respondeu:

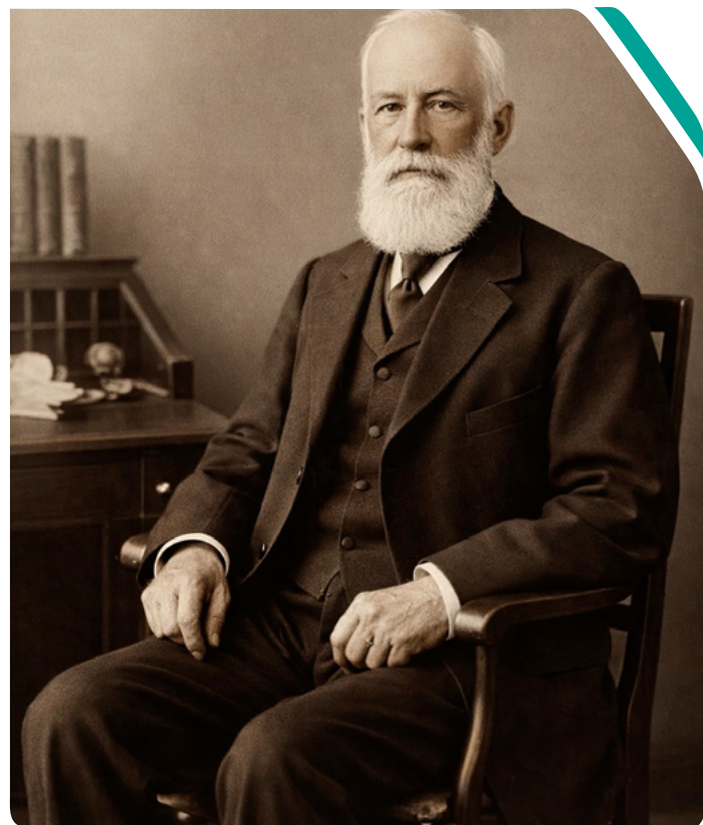
– “Uai... é que a figueira sempre conta. Basta a gente ter paciência pra escutar.”

Com certeza, a figueira não contava as respostas, mas o Sr. Simplicio ensinou que em ocasião de grande problema e nervosismo, devemos ter calma e paciência para pensar em possíveis soluções para o caso.

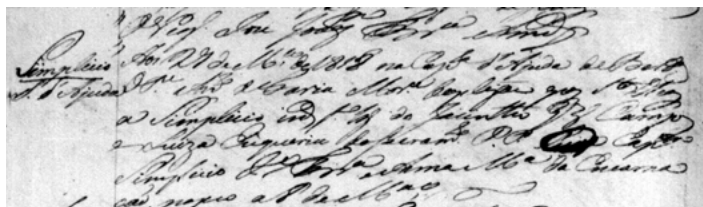
Aquela “velha figueira”, sabia de tudo, mas só contava pra quem tinha a calma.

E assim o caso passou por diversas gerações da família e conhecidos, sobre o Sr. Simplicio e a sombra da figueira.

Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST



Sr. Simplicio Ferreira de Campos – Fonte: Family Search



Registro paroquial de batismo do Sr. Simplicio Ferreira Campos.
Fonte: Family Search

FAMÍLIA CAMPOS EM SÃO TIAGO

Um dos mais importantes membros da família Campos em nosso meio, com vasta descendência e influência social, foi Joaquim Carlos de Campos (Joaquim da Vigia) c/c Francisca Bernardina de Paula, filha de Geraldo Pires de Alcântara e D^a Francisca Bernardina de Assis, moradores em Ibertioga⁽¹⁾.

Joaquim Carlos de Campos era filho de Simplicio Ferreira

Campos⁽²⁾ (este nascido aos 08-03-1818 em Ibertioga) e de D^a Ignácia Felisarda de Paula.⁽³⁾ Simplicio, por sua vez, era filho do Cap. Jacinto Gonçalves Campos⁽⁴⁾ falecido aos 06-07-1828 e de D^a Luiza Euqueria do Nascimento: D^a Ignácia Felisarda era filha do Cap. Francisco de Paula Rodrigues e Constância Claudina da Costa (+ 09-03-1852).

NOTAS

(1) Filhos do casal Joaquim Carlos de Campos e D^a Francisca Bernardina de Paula:

- 1.1. Maria, nascida aos 23-02-1889, falecida no mesmo dia.
- 1.2. José Campos (03-04-1890/11-09-1947) Casado em 1^{as} nupcias com Maria de Lourdes Resende ("Loura") e em 2^{as} com Ester da Silva Campos.
- 1.3. Maria Ilidia de Campos (07-07-1891/17-10-1966) c/c João Batista da Silva.
- 1.4. Francisco Eugênio de Campos (21-02-1893/21-03-1971) c/c Albertina Verônica da Silva.
- 1.5. Antonio Campos (08-07-1894/09-07-1965) c/c Ana Maria de Resende.
- 1.6. Ignácia Campos, nascida aos 11-12-1895, falecida em criança.
- 1.7. Maria de Alacoque Campos (28-12-1896/20-10-1984) c/c Antonio Misael Santiago.
- 1.8. Joaquim Campos Filho (22-05-1898/27-06-1966) conhecido como "Quinzinho Cego" e em família como "Tinãe".
- 1.9. Filomena de Campos (09-02-1900/03-06-1978) c/c Geraldo de Sousa Resende.
- 1.10. Maria da Conceição Campos (21-06-1903/12-06-1966) c/c João Batista Rodrigues.
- 1.11. João Batista Campos (11-11-1904/31-10-1965) c/c Maria do Carmo de Oliveira.
- 1.12. Ilidio Campos (22-08-1906/08-08-1980) c/c Lucila Mendes de Almeida.
- 1.13. Geraldo Campos (02-09-1908/07-06-1993) c/c Maria do Coração de Jesus.
- 1.14. Gabriel, nascido em junho de 1912, falecido aos 02-02-1913.

(2) Simplicio Ferreira Campos, nascido aos 08-03-1818, batizado aos 27 do mesmo mês na capela D^a Ajuda, em Barroso, sendo padrinhos Simplicio José Ferreira e Ana Maria da Encarnação. C/c Ignácia Bernardina de Paula, (ela natural de Barbacena, nascida em 1821), na capela de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca aos 17-04-1844, foram moradores de São Tiago, Em 1852, antes de transferirem-se para São Tiago, eram moradores no arraial de São José dos Ilheus em Barbacena. Casal com vários filhos (no total de 10, conforme o inventário de D^a Ignácia Bernardina, falecida aos 12-07-1893 na Fazenda da Vigia, distrito de São Tiago, conforme relação infra).

Filhos do casal:

- I. Jacinto Ferreira Campos c/c Teresa Augusta de Resende.
- II. Ana Esméria de Campos c/c Joaquim José de Paula. Filhos: Altiwa, Maria, Joviano, Artur.
- III. Constança Teodora de Campos, viúva.
- IV. Dionísio Ferreira Campos c/c Maria Porcina Cândida de Jesus. Alguns dos filhos: Joaquim, Ivo.
- V. José Joaquim de Paula c/c Maria Rufina Ferreira.
- VI. Luís José Rodrigues c/c Etelvina Maria da Silva.
- VII. Maria Cândida de Campos, solteira (1893).
- VIII. Elisário José de Campos, solteiro (1893) Casado em São João Del-Rei com Luisa Carolina Pinto. Filhos: Maria, Amélia, Henrique, Mariela, Anelisa, Luiz, Francisca.
- IX. Luisa Cândida de Campos, solteira (1893).
- X. Joaquim Carlos de Campos casou-se aos 30-06-1868 com Francisca Bernardina de Paula, nascida em 1869 e falecida em São Tiago aos 21-12-1941. Proprietários das Fazendas das Gamelas, Vigia, Ponte de Tábuas, dentre outras em São Tiago e região.

(3) D^a Ignácia Felisarda de Paula era tia de Ignácia Cassiana da Cunha (1842-1899), esposa do Cel. Antonio Carlos de Oliveira (1840-1910), proprietários da Fazenda do Rio do Peixe. D^a Ignácia Felisarda e Ana Olinea Oloia de São José, esta mãe de Ignácia Cassiana da Cunha, eram filhas do Cap. Francisco de Paula Rodrigues e de D^a Constança Claudina da Costa, todos de Conceição do Ibitipoca.

(4) O Cap. Jacinto Gonçalves Campos, falecido aos 06-07-1828, foi inventariado pela viúva Luiza Euqueria do Nascimento, proprietários da Fazenda do Martelo em Barbacena.

O Cap. Jacinto Gonçalves Campos nasceu aos 11, batizado aos 20-09-1766 na capela de Barroso, filho de Dionísio Gonçalves Campos, natural da freguesia de São Martinho, arcebispo de Braga e s/m Teresa Maria de Jesus, natural da freguesia de Guarapiranga, bispado de Mariana, sendo padrinhos o tio paterno Gabriel Gonçalves Campos e s/m Ana Mauricio de Paula. O Cap. Jacinto Gonçalves Campos era np de Manoel Gonçalves Campos e s/m Ana Manoel, naturais da dita freguesia de São Martinho, nm de Silvestre Martins, natural de Braga e s/m Cecília Nunes, natural de Itu, bispado de São Paulo.

O Cap. Jacinto Gonçalves Campos era c/c Luisa Euqueria do Nascimento, filha de José Rodrigues Braga e Bernardina Caetana do Sacra-

mento, cerimônia realizada na Capela de Ibitipoca aos 29-04-1804. O Cap. Jacinto faleceu aos 06-07-1828, enquanto D^a Luisa ainda era viva em 1854.

Filhos do casal Jacinto Gonçalves Campos e Luisa Euqueria do Nascimento:

1. Constância Cândida de São Joaquim, batizada aos 04-06-1806, c/c Francisco de Paula Rodrigues.
2. Bernardina Carolina de São Joaquim c/c Manoel Moreira Rodrigues (+ 12-03-1887).
3. Vital Antonio Campos, batizado aos 10-02-1805, c/ 24 anos (1828) Em 1852 era c/c Joaquina de Paula.
4. Maria Esméria, batizada aos 08-02-1810; c/ 18 anos (1828).
5. Teresa Jecuples (sic) de Jesus, nascida em 1812, c/ 16 anos.
6. Francisca Claudina de Paula, nascida em 1814; c/ 14 anos (1828) C/c Jacinto Honório de Paula. Falecida aos 18-02-1842.
7. José Jacinto de Campos, 13 anos (1828). Batizado aos 12-02-1816 na capela dos Faria; c/c Umbelina de Paula.
8. Simplicio Ferreira Campos, nascido em 1817, 11 anos (1828).
9. Gertrudes, nascida em 1821; c/ 7 anos (1828).
10. Ana Joaquina de Campos, nascida em 1825; c/ 3 anos (1828) C/C Luiz José de Paula.
11. Francisco, nascido em 1828 c/ 9 meses.

FONTES

Arquivo Histórico Municipal Prof. Altair José Savassi – Barbacena – cx. 77, ano 1828.

Projeto Compartilhar – Cap. Jacinto Gonçalves Campos /// Os Irmãos Gonçalves Campos – Gabriel e Dionísio. Informações do pesquisador e historiador Vinicius Mata Oliveira.

Pesquisas de Fernando de Castro Campos.

POMPEU DE CAMPOS

Antonio Pompeu de Campos, nascido em Prados aos 28-05-1850 e falecido em São João Del-Rei aos 04-10-1940. Casado com Maria Salomé Rodrigues Vale, nascida em Prados aos 17-11-1858 e falecida em São João Del-Rei em 1948. Filha do casal: Georgina Campos Bello (1879-1921).

Luiz Pompeu de Campos, nascido em São João Del-Rei aos 28-02-1946 e falecido aos 15-02-1996. Era o 4^o filho do casal Antonio Pompeu de Campos e D^a Celina Braga de Campos. Irmãos: Cristóvão, Cecília, Auxiliadora, Francisco e José Lúcio (gêmeos), Celina, Pilar, Eduardo e João Bosco (Fonte: O desenho da utopia").

Pe. Geraldo Pompeu de Campos, salesiano. Nascido aos 15-12-1916 em Carandá, filho de Francisco Pompeu de Campos e D^a Maria Januária Aquino de Campos (+ 1937) (Fonte: Boletim "Sabores & Saberes" n. CXII, junho/2017).



Joaquim Carlos de Campos e sua esposa Francisca Bernardina de Paula

Natal Iluminado: mãos que contam histórias

Por Maria Elena Caputo

IHGST

Neste ano de 2025, a cidade de São Tiago viveu momentos únicos com um projeto desenvolvido pelos artesãos locais, com o apoio da Prefeitura Municipal, para a ornamentação da praça principal. Foi um projeto amplo e inclusivo, que contou com a participação de inúmeros artesãos voluntários, moradores da praça, pessoas com necessidades especiais e outros colaboradores.

O projeto começou a ser gestado ainda em janeiro, quando surgiram as primeiras propostas. Desde então, os fuxicos, escolhidos como tema central, passaram a ser confeccionados por mãos simples e sábias, com ou sem domínio da técnica, utilizando tecidos doados, novos e, sobretudo, retalhos. No entanto, a execução efetiva do projeto ocorreu a partir de setembro. Inspiramo-nos em cidades que produzem suas árvores natalinas com crochê, mas optamos pelo fuxico por ser uma técnica mais simples, de domínio público, carregada de significado cultural em nossa comunidade e símbolo de resistência e criatividade.

Houve parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, o Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, a Prefeitura de São Tiago, o FOCEST e a Paróquia de São Tiago, que disponibilizou o Salão São José para as oficinas iniciais. O pároco, padre Aparecido, sensibilizou-se com o projeto, e foi confeccionada uma grande guirlanda para a Matriz. A partir dela, guirlandas de tamanho padronizado foram distribuídas às residências do entorno da praça, iniciadas com fuxicos para que cada morador as decorasse conforme sua criatividade. Ao final, realizou-se um concurso de guirlandas, fortalecendo ainda mais o envolvimento da comunidade.

Também foi confeccionada a Casinha do Papai Noel, que encantou as crianças. Em seu interior, trabalhos de artesãos locais deram um toque especial, tornando o espaço bonito e festivo. Durante o ano, realizou-se ainda um trabalho de recolhimento, limpeza e reaproveitamento de brinquedos usados e novos, destinados à distribuição para as crianças da cidade. Foi uma ação desafiadora, mas marcada pela alegria e pela satisfação de quase mil crianças, contando com o envolvimento do Rotary, da Loja Maçônica, de voluntários e de outros parceiros.

As árvores da praça e os bancos também receberam uma nova roupagem. Com o brilho das luzes, uniram-se arte, tradição e afeto, envolvendo artesãos, visitantes e moradores. Uma imensa árvore de fuxicos foi instalada no centro da praça, atraindo grande movimentação de visitas e registros fotográficos. Cada ponto e cada arremate foram confeccionados por artesãos voluntários e moradores da praça, em momentos de convivência marcados por boas conversas, troca de experiências, cafezinho da tarde e risadas, onde ideias se misturavam e a criatividade florescia.

O presépio, montado e repaginado com roupas leves, conferiu um toque especial de religiosidade e cultura local. As imagens foram lavadas, preparadas e colocadas sobre um carro de boi, símbolo da nossa terra, da valorização das comunidades rurais e uma homenagem aos antepassados que tanto lutaram, utilizando um instrumento de trabalho tão comum em nossa região. Por meio do presé-

pio, resgatou-se a memória afetiva comunitária, relembrando a tradicional Festa de Luz Anã, criada pelo Monsenhor Herói, e destacando as comunidades rurais, seus produtores e produtos de origem.

As capelas rurais foram registradas por meio de fotografias, com seus espaços de fé adornados por flores do campo confeccionadas pelos artesãos, além do uso de materiais diversos, como juta, pedras, galhos, latões e areia. Criou-se, assim, um cenário único e mágico.

Um Natal diferente nasceu na comunidade e para a comunidade, feito por muitas mãos, com amor, criatividade e sentimento de pertencimento.



CANTATA DE NATAL 2025

Por Maria Elena Caputo
IHGST

A Cantata de Natal é uma apresentação musical, vocal e instrumental, que celebra o nascimento de Jesus Cristo, narrando a história bíblica por meio de músicas, cores, narração e, em alguns casos, encenação teatral. Trata-se de uma manifestação artística que promove reflexão, paz e esperança, sendo muito comum em igrejas, salões e eventos culturais. Tradicionalmente, ocorre com a participação de coros, em composições de intensa expressividade vocal acompanhadas por instrumentos musicais.

Historicamente, a cantata lírica surgiu no século XVI, na Itália, espalhando-se rapidamente por toda a Europa. O termo “cantata” foi utilizado pela primeira vez por volta de 1620, consolidando-se como uma importante forma de expressão musical sacra.

Em São Tiago, a quarta Cantata de Natal, em 2025, aconteceu no dia 23 de dezembro, tendo como cenário, mais uma vez, as janelas da Prefeitura Municipal, transformadas em um verdadeiro palco a céu aberto. O edifício foi cuidadosamente ornamentado com luzes piscantes e cortinas de cetim vermelho, criando um espetáculo visual marcado por um clima festivo, solene e de grande pompa.

O evento contou com a participação do Coral do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST), que interpretou canções natalinas por meio de cantores disciplinadamente posicionados nas janelas, portando pastas pretas e capas verdes de cetim. As melodias entoadas uniram o repertório tradicional ao contemporâneo. A apresentação contou ainda com o apoio dos músicos voluntários Flávio Ribeiro, Dimas Leonardo, Hygor Lara e Alef Sousa.

Na sequência, sob a regência do maestro Tássio Resende, a Lira da Imaculada Conceição realizou uma belíssima apresentação.

O público foi expressivo e permaneceu atento durante toda a apresentação, demonstrando entusiasmo e reconhecimento por meio de calorosos aplausos. A noite, clara e estrelada, após uma semana marcada por intensas chuvas, contribuiu para tornar o momento ainda mais especial.

A parceria com a Prefeitura Municipal de São Tiago foi fundamental para a realização do evento, com a disponibilização de salas, cadeiras, equipamentos, tablado, recursos logísticos, água, lanche e servidores, evidenciando o apoio institucional à cultura e ao entretenimento.

A Cantata integrou um amplo projeto cultural desenvolvido em conjunto com artesãos, associações, o Instituto Histórico e Geográfico e parceiros locais, voltado à ornamentação da Praça Principal de São Tiago e do distrito de Mercês de Água Limpa. O projeto incluiu a montagem do presépio, a iluminação natalina das árvores, a criação da árvore de fuxicos, a distribuição de brinquedos, o concurso de guirlandas e a instalação da tradicional Casinha do Papai Noel.

O presépio recebeu uma nova roupagem, homenageando a Vila Ozanam e as comunidades rurais. O pároco Pe. Aparecido participou ativamente do projeto, disponibilizando o Salão do Edifício São José para a distribuição dos brinquedos, além de incentivar a ornamentação da Igreja Matriz com uma guirlanda natalina.

Na noite do dia 24 de dezembro, ocorreu um dos momentos mais solenes das celebrações: em procissão, acompanhada por fiéis com velas acesas, o Menino Jesus foi conduzido e colocado na manjedoura do presépio, com o auxílio de artesãos presentes. O gesto emocionou os participantes e re-



forçou o sentido espiritual do Natal.

O mês de dezembro em São Tiago foi, sem dúvida, especial. Espera-se que a Cantata de Natal tenha sido uma oportunidade para preservar nossas culturas e tradições e, sobretudo, que tenha tocado os corações dos são-tiaguenses, levando uma mensagem de fé, amor, caridade e esperança.



PAU BRASIL

**Por Francisco Reis Bastos
da Academia mineira de Medicina**

Ele é a árvore símbolo do Brasil. Trata-se de uma planta leguminosa nativa da Mata Atlântica que apresenta no tronco de casca acinzentada grossos espinhos (acúleos) que se descascados deixam ver a casca interna de coloração avermelhada.

Sua madeira de vermelho intenso pode dar origem a corantes, mas é na sua grande habilidade e talento para a construção de arcos e do próprio corpo de violino que se tornou famoso. ONGs francesas têm recuperado o plantio dele pelo estado da Bahia.

Aqui em BH o prof. Camilo Fonseca da UFMG cultivou e plantou inúmeros pelas ruas da cidade. Vários estão florindo mesmo jovens.

Um conceito enganado retirou dois exemplares maduros e bonitos da Praça da Liberdade... Lamentável.

Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, o pau brasil se encontra com risco elevado de extinção na natureza.

A palavra brasileiro em tempos coloniais significava tirador de pau-brasil, um adjetivo para designar profissão e não origem. Talvez o melhor seja denominar brasileiro para designar quem nasce no "Brasil brasileiro, terra de samba e pandeiro".

Posteriormente a palavra brasileiro passou a designar as pessoas nascidas no Brasil – o único país do mundo com nome de árvore.

Celebrado em 3 de maio, o Dia do pau-brasil foi criado em dezembro de 1978 com a Lei 6.607, que também definiu a espécie como árvore nacional.

Pinheirame

Por Francisco Bastos

Ontem fomos à casa de minha filha, fazer biscoitos cookies com a sogra dela. Assamos aquele biscoito amanteigado, cortamos no formato natalino de pinheiro, boneco de neve, e depois de assados foram decorados com pedacinhos de chocolate e outros confeitos para finalmente serem devorados pela meninada.

Amassados, moldados, cortados, assados, decorados e finalmente devorados pela meninada!

Coisas natalinas.

Os adultos tomando um pouco de álcool que ninguém é de ferro.

Uma falação tamanha que demonstrava a alegria de estar junto em família, naquele momento natalino.

Os sorrisos soltos de conviver em família, de irmanar e amar.

Até o simpático cachorro da casa, ia e vinha solerte e faceiro pela sala hospitaleira.

Uma bela e rica árvore de Natal completava o palco da festa. O Pinheiro!

Já sincronizei em outras línguas que o Pinheiro, the pin, em inglês, le sapin, em francês, é o leitmotiv da hora. Fashion, ora ora!

A árvore da resistência.

A única que continua verde no rigor do inverno lá no norte.

Garantia e esperança de renovação.

Também é a árvore mais velha do mundo. Dizem que a mais antiga tem cinco seis mil anos! Constatado com carbono 14. Está no Google.

Merece todas essas homenagens em muitas vitrines das galerias e lojas do mundo todo. Merece estar na decoração dos jardins das casas de bom gosto.

Existem os minis pinheiros de variadas galhadas e cores. Alto, médio e rasteiros. Sempre bonitos, muitos verdes. Viva a Saporama.

*Saporama: mundo do sapin, do pinheiro.

Trinta Anos da Consolidação do Plano Real

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Em 2026, o Brasil celebra três décadas de um dos capítulos mais decisivos da história: a consolidação do Plano Real. Para muitos brasileiros, o ano de 1996 marcou um momento importante para um país acostumado à instabilidade, ao “sobe-e-desce” dos preços e ao constante medo da corrosão do salário por causa da inflação. A moeda foi criada dois anos antes, e provava que veio para ficar.

A URV (Unidade Real de Valor) foi utilizada durante quatro meses como etapa de transição até o início da vigência do Real. Para facilitar a adoção do novo padrão monetário, diversos preços e valores contratuais foram gradualmente convertidos de cruzeiros reais para URVs, cuja cotação era atualizada diariamente por comunicados do Banco Central. Produtos como roupas, alimentos, móveis e artigos em geral já eram exibidos com preços em URV. Porém, no início, era necessário realizar um cálculo para converter aquele valor para cruzeiros reais, a fim de que a população pudesse entender quanto realmente seria pago. Esse processo de conversão fez parte da adaptação até que a nova moeda fosse consolidada e seu uso se tornasse natural no dia a dia dos brasileiros.

A nova moeda o “Real” foi colocada em circulação em 01 de julho de 1994 no governo do Presidente Itamar Franco, onde o Ministério da Fazenda, Banco Central e Casa da Moeda uniram esforços para executarem juntos no desenvolvimento desse plano.

O Plano Real foi uma grande reforma econômica. Depois de mais de uma década de hiperinflação, os brasileiros aprenderam novamente a planejar o futuro. O simples ato de guardar dinheiro, pagar uma prestação ou esperar o fim do mês sem sustos tornou-se um símbolo silencioso de conquista coletiva. Os preços começaram a permanecer nos rótulos, e as famílias puderam imaginar horizontes mais longos do que a semana seguinte.

Em 1996, quando o Plano Real se consolidava, as instituições brasileiras passavam por um processo paralelo de fortalecimento. A estabilização da moeda ajudou a reorganizar as finanças públicas, reconduziu a economia ao caminho da previsibilidade e abriu espaço para políticas sociais e investimentos estruturantes. O país reencontrava um senso de ordem que, por muito tempo, era inalcançável.

O presidente Fernando Henrique Cardoso desempenhou um papel muito importante na consolidação do Plano Real, sendo um dos principais articuladores da equipe econômica que, ainda durante o governo Itamar Franco, colaborando no controle da hiperinflação e reorganizando a economia brasileira. Como ministro da Fazenda, FHC ajudou a estruturar as bases do plano, ancorado na criação da URV e, depois, na instituição do Real e, já como presidente, deu prosseguimento por meio de políticas de estabilização, ajustes fiscais e reformas estruturais. Sua liderança foi decisiva para manter a confiança interna e externa no novo modelo econômico, permitindo ao país ingressar em um período de maior previsibilidade, expansão do consumo e fortalecimento institucional.

Trinta anos depois, a consolidação do Plano Real marcou uma mudança profunda no comportamento econômico, na cultura financeira das famílias e na própria forma como o Brasil se percebia. Não foi um processo isento de desafios, críticas ou ajustes, mas seu legado permanece indiscutível: trouxe estabilidade, permitiu o planejamento de longo prazo e deu novas bases para o desenvolvimento.

As memórias de 1996 ainda ecoam no cotidiano. Muitos lembram com emoção da primeira vez em que viram o salário manter seu valor até o fim do mês. Outros recordam a sensação inédita de poder projetar o futuro dos filhos com menos incerteza. Era o início de uma espécie de reconstrução silenciosa, feita não em grandes discursos, mas nas mesas de jantar, nos cadernos de orçamento doméstico, nos pequenos comércios de bairro.

Celebrando os 30 anos da consolidação do Plano Real, recordamos um tempo em que o país escolheu trilhar um caminho mais estável, mais seguro e mais responsável, e que, apesar dos desafios permanentes, continua a influenciar profundamente nossa trajetória nacional, um Brasil que acreditou em si mesmo.

Em São Tiago, a agricultura familiar, muito presente na região, no cultivo de milho, feijão e criação de gado leiteiro, sofreu intensamen-

te com a instabilidade dos preços de insumos. Muitas famílias mudaram-se para outras cidades, nas décadas de 1970 a 1980, em busca de melhores condições de vida.

Com a implantação do Plano Real, os preços de ração, adubos, insumos, ferramentas e combustíveis ficaram previsíveis, produtores puderam planejar melhor a produção, pequenos agricultores passaram a acessar crédito rural com menor risco. Isso impulsionou a continuidade e o fortalecimento da economia da cidade. Com a revitalização do comércio local, os comerciantes mantinham preços por semanas ou meses, pequenos comércios e padarias, muito tradicionais em São Tiago, se fortaleceram.

A cidade experimentou um ambiente comercial mais sólido e previsível. Acesso ampliado ao crédito. Com a inflação controlada, bancos e cooperativas começaram a oferecer financiamento com maior segurança. Em São Tiago, isso se refletiu em aumento de pequenos financiamentos para reforma de casas, crédito para compra veículos e fortalecimento de cooperativas de crédito, assim as famílias passaram a planejar compras de longo prazo.

No âmbito social, houve um estímulo a obras públicas e modernização urbana, governos municipais tiveram mais condições de planejar orçamentos anuais, executar obras sem “surpresas inflacionárias”. Isso favoreceu, ao longo da década de 1990, melhorias em saneamento, estradas vicinais, iluminação pública e prédios públicos.

O fortalecimento de eventos e tradições locais como a Festa do Café com Biscoito. Pois os produtores de biscoito puderam investir melhor seus negócios. Ainda que a festividades do Café com Biscoito tenha se iniciado em 1999, esse ambiente econômico mais estável ajudou a fortalecer o turismo gastronômico e a identidade cultural da cidade.

REFERÊNCIAS:

CORREIO BRAZILIENSE. 30 anos de Plano Real: desafios para o futuro da moeda brasileira. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2024/07/6894456-30-anos-de-plano-real-desafios-para-o-futuro-da-moeda-brasileira.html>. Acesso em: 18 set. 2025.

FORBES BRASIL. Banco Central lança moeda comemorativa para os 30 anos do Plano Real. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2024/09/banco-central-lanca-moeda-comemorativa-para-os-30-anos-do-plano-real/>. Acesso em: 15 out. 2025.

O GLOBO. Plano Real 30 anos: relembre, em imagens, a criação da moeda. O Globo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/fotos/2024/06/plano-real-30-anos-relembre-em-imagens-a-criacao-da-moeda.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. História contada: Gustavo Franco – Volume 22. Brasília: Banco Central, 2017. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/historiacontada/publicacoes/hc_bc_volume_22_gustavo_franco.pdf. Acesso em: 18 nov. 2025.

FOTO: EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO



Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda no governo Itamar Franco, exhibe células do Real que tem emolduradas

CHAMEM O TIBIMBA

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST

O Município de São Tiago supostamente já foi contemplado com o atendimento de sua antiga reivindicação por uma subestação dando suporte à distribuição de energia elétrica. O que se informa é que as obras de engenharia já foram finalizadas, um teste teria sido feito e o funcionamento de toda a estrutura já está em andamento, tendo sido dispensada uma inauguração formal e comemorativa como costumeiramente sempre se fez.

Subestação é uma instalação que viabiliza a transmissão e a distribuição de energia elétrica. A energia tem sua tensão elevada por transformadores na usina evitando perdas nos longos percursos de transmissão e abaixada na subestação para que possa ser distribuída. A subestação também oferece proteção contra problemas e falhas preservando transformadores, disjuntores, chaves e relés, mantém a conexão com o restante da rede e faz um controle do fluxo da energia.

O sistema implantado começa em Itutinga e segue por aproximadamente 78 km por uma linha de distribuição até o município de Passa Tempo, contendo ainda uma pequena derivação para a Subestação de São Tiago. No seu trajeto a linha corta os municípios de Nazareno, Conceição da Barra de Minas, São Tiago e Passatempo.

A subestação tem capacidade nominal de 150kw, o que significa ser de porte médio. Trará benefícios indiscutíveis para toda a região alcançando, além dos municípios do seu percurso, outros como São João del Rei e Rezende Costa.

A CEMIG chegou a São Tiago em 15 de agosto de 1963, na gestão do Prefeito Antônio Belfort da Mata. A cerimônia festiva municipal contou com a presença de santiaguenses de destaque como Monsenhor Elói, obviamente, e convidados importantes como o político Tancredo Neves e o Procurador Geral da República Gabriel Passos. Era o início de uma nova fase onde o precário fornecimento de energia elétrica gerada com o máximo de boa vontade pela Usina foi substituído pelos serviços de uma companhia de grande porte.

A melhoria perceptível dos serviços foi sentida de modo nítido e imediato, mas o passar do tempo também tornou claro o inevitável convívio com outro tipo recorrente de transtorno: a queda constante da energia elétrica, que se arrastou até os dias de um passado recente.

Bastava surgir no céu uma pequena nuvem de um desanimado tom cinza, promessa remota de mal tempo, que a energia falhava. Mesmo em dias de sol e céu límpido faltava luz e a resposta era que poderia estar acontecendo chuvas fortes nas cabeceiras, seja lá onde for isso. Além do mais, pertencer a um sistema integrado de energia elétrica distribui democraticamente a alegria do fornecimento e a tristeza da possibilidade de blackout.

A regra era essa: a energia caía uma, duas, três, quatro, até dez vezes ou mais por dia, vários dias em seguida.

O ponto de saturação foi atingido entre os dias 25 e 26 de setembro de 2019 quando um grande "apagão" deixou a cidade por mais de 32 horas sem energia elétrica causando transtornos e prejuízos financeiros para moradores, comerciantes e empresários locais, avaliados em mais de um milhão de reais. Este evento foi um forte gatilho rumo às pretensões da instalação de uma subestação dedicada ao município, pressionando a Cemig.

Em época de grandes festas municipais como Carnaval e Dia do Padroeiro o inconveniente era um peneta que sempre marcava presença. A cidade cheia, com parentes de fora, amigos e turistas ocasionais aumentava drasticamente a demanda de carga elétrica e a queda era inevitável. Muitas vezes acontecia quase na hora do grande evento, da grande festa, do grande baile, da grande missa. Muita gente esquentou ferro de passar na trempe do fogão para remediar uma roupa amassada. Quando a energia caía, estando na rua, era possível escutar um grito conjunto de decepção e desânimo como em um gol perdido. Quando a luz voltava, os gritos eram alegres e animados, como em um gol de vitória comemorado.

A criatividade humana inventou uma tese que assegurava que a luz somente poderia cair três vezes, no máximo. Mais do que isso não voltaria normalmente. Nesse caso, o pedido natural de socorro disponível era: "– Chamem o Tibimba!". Tibimba era Nicodemos Carvalho Caputo, filho do Tio Rafael Caputo, nosso padeiro, e Maria José de Carvalho Caputo, Dona Zeca. Com seus muitos irmãos formavam uma família que angariou uma reputação altamente positiva, considerados capazes, bons naquilo que faziam. Nunca gostou de estudar e não seguiu qualquer alternativa de formação acadêmica especializada. Em criança já tinha interesse em mecânica e elétrica tendo desenvolvido sua habilidade e experiência de forma brilhante na Oficina do Sr. Geraldo Caputo. Quando estudou, provavelmente a contragosto, no Colégio Santiaguense, conhecia as instalações elétricas do imóvel e eventualmente auxiliava em sua manutenção.

Seguindo um destino natural para sua vida passou em primeiro lugar em um concurso da CEMIG em 1978, assumindo o cargo de eletricitista residente em São Tiago. Teve sucesso em sua vida profissional chegando a receber prêmios de "Honra ao Mérito" e "Operário Padrão". Entre tantas responsabilidades exigidas pelo seu dia a dia profissional estava o trabalho de campo, a missão de seguir as linhas elétricas procurando fios partidos, postes caídos e outros estragos. Muitas vezes era à noite, na chuva ou em época de festa.

"– Chamem o Tibimba!", era o grito do único recurso disponível, o limite do possível, era acionar o último interruptor contra a escuridão. Muitos que viajaram das sombras à luz ainda agradecem.

Imagens: Publicações da Prefeitura Municipal de São Tiago e Facebook pessoal de Jerusa Caputo



CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Por Carlita Maria de Castro e Coelho

Ao lado da E. E. de Mercês de Água Limpa há uma árvore de eucalipto de quase trinta metros de altura. Hoje, pela manhã, foi visto um tucano preso por uma linha de pipa em um dos galhos desta árvore. O pobrezinho debatia-se inútil e desesperadamente sem se soltar. De tempos em tempos, uma revoada de tucanos aproximava-se e gritando num lamento de dor.

Toninha, a diretora da escola, convidou alunos, professores e demais servidores presentes no horário para irem à quadra e observarem a inusitada cena.

Aproveitando o momento, deu uma aula fenomenal de consciência ecológica, proteção ao meio ambiente e à fauna regional. Voltando à sala de aula, professores alteraram seus planejamentos dando continuidade à aula iniciada na quadra.

Depois de várias tentativas de resgate da pobre ave junto a órgãos regionais competentes e, diante da demora em que providências fossem tomadas, a Comunidade Escolar decidiu pela tentativa de ajudar o infeliz tucano.

Alex, professor de Educação Física, auxiliado por Ademir, Auxiliar de Serviços Gerais, conseguiu libertá-lo devolvendo-o ao seu habitat natural.

Para nós fica a lição do respeito e solidariedade de nossos alunos. E a consciência do que pode causar o simples mau uso de uma linha de pipa.



Crianças Não Têm Papas na Língua

No tribunal, durante uma audiência de divórcio, o juiz pergunta ao filho do ex-casal com quem ele prefere morar. “Então, jovenzinho, você quer ficar com a sua mãe?”, pergunta o juiz. “Ah, não! Minha mãe é professora, ganha mal e não tem tempo pra mim”, responde a criança. “Então suponho que queira ficar com seu pai, correto?”, continua o juiz.

“Também não! Papai trabalha o dia inteiro e sempre chega em casa cansado. Nunca tem disposição pra brincar comigo.” “Mas então me diga, meu filho, com quem você quer ficar, afinal?”, insiste o juiz.

“Na verdade, eu quero ficar com o senhor, que recebe 30 mil e ainda tem auxílio-moradia, auxílio-creche, auxílio-paletó, auxílio-educação, dois meses de férias por ano, segurança armada e ainda teria muito tempo para me dar atenção, já que trabalha só umas 3 horas por dia!”

<https://www.tudoporemail.com.br/content.aspx?emailid=11082>



CANTIGAS E DANÇA DE RODA

RATOEIRA

A Ratoeira é uma dança de roda, tradição açoriana, praticada por pessoas de qualquer idade, muito comum no passado. Em ambiente de alegria e descontração, um grupo de dançarinos – geralmente acima de dez – ligados, uns aos outros, pelas mãos, formam um círculo, escolhendo-se um dos participantes (ou um casal) para ficarem no centro da roda (ratoeira). Estes “puxam” a cantoria até serem substituídos por outro; em-

quanto isso o grupo formado gira/se movimenta à sua direita em passos “pulados” ora para a esquerda, ora para a direita.

Todos os participantes se vestem com roupas coloridas, caprichadas, mãos dadas, formando – como vimos – uma ciranda (roda). Os versos declamados são, em si, declarações amorosas, sempre demonstrando cortesia para o bem amado, ou ainda “cobranças” sentimentais ou familiares etc.

Trechos/Letras das cantigas utilizadas no decorrer da dança:

Ratoeira bem cantada
Faz chorar, faz padecer
Também faz um triste amante
O seu amor esquecer

Meu cravo de rosa
Meu manjeriço
Dá três pancadinhas
No meu coração

Alfinete miudinho
Preguei na almofada
O dia que (não) te vejo
Não como, não faço nada

Amanhã faz quinze dias
Que meu peito se fechou
Quem morava dentro dele
Pegou a chave e levou

A açucena quando nasce
Toma conta do jardim
Assim o teu coração
Quer tomar conta de mim

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo está na praia
À espera da maré

Fui fazer minha cama
Me esqueci do cobertor
Deu um vento na roseira
Encheu minha cama de flor

Meu amor não mora aqui
Mora lá em Campo Belo
O namoro das meninas
É uma vara de marmelo

Estendi um lenço branco
Na ramada da açucena
Os teus olhos me prenderam
Menina cor morena

A folha da bananeira
Prá banda está virada
Virou prá banda do sul
Eu prá lá não tenho nada

Quando passares perto de mim
Não me olhes pelas costas
Que não sou crivo nem renda
Que se tira pela amostra

PAU-DE-FITA

Dança com grupos de oito a doze pares (damas e cavalheiros) realizada geralmente no período noturno. Toda a coreografia se desdobra ao som de cantorias, com os pares segurando fitas coloridas, presas a um mastro e as trançando com capricho e esmero. Os trançamentos são dos mais diversos tipos ou estilos e os versos, cantados durante a evolução da dança, são correlacionados às apresentações.

Algumas quadras cantadas ao ensejo da dança:

Neste céu tão estrelado
Numa noite tão bonita
Nossa turma reunida
Trançando o pau de fita

Nós vamos fazer as tranças
As tranças da feiticeira
Viva a festa
Viva a nossa brincadeira

IMAGEM: BRITISHARTCLUB.CO.UK /ANTOINETTE KELLY/DIVULGAÇÃO



Mozar Resende

(Mozar da MAP)



★ 02/07/1943

† 04/12/2025

Empresário de renome nas áreas comercial, imobiliária e rural.

Cidadão atuante e exemplar chefe de família, tendo ocupado cargos no legislativo municipal (Câmara) e ainda em organizações sociais como Rotary.

NOTA DE FALECIMENTOS

Registramos o nosso pesar pelos falecimentos, expressando sinceras condolências aos familiares e amigos, com votos de conforto e serenidade.

Antônio Geraldo de Souza

(Gabé)



★ 25/02/1938

† 01/01/2026

Cidadão extrovertido, conhecido futebolista, com atuação pioneira em atividades industriais (torrefação de café) e atividades rurais.

Conceituado chefe de família e de exemplar conduta, a todos brindando com seu inconfundível humor e divertidas tiradas e piadas.

Uma pequenina luz

Uma pequenina luz bruxuleante
não na distância brilhando no extremo da estrada
aqui no meio de nós e a multidão em volta
une toute petite lumière
just a little light
una picolla... em todas as línguas do mundo
uma pequena luz bruxuleante
brilhando incerta mas brilhando aqui no meio de nós
entre o bafo quente da multidão
a ventania dos cerros e a brisa dos mares
e o sopro azedo dos que a não vêem
só a adivinham e raivosamente assopram.
Uma pequena luz
que vacila exacta
que bruxuleia firme
que não ilumina apenas brilha.
Chamaram-lhe voz ouviram-na e é muda.
Muda como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Brilhando indefectível.
Silenciosa não crepita
não consome não custa dinheiro.
Não é ela que custa dinheiro.
Não aquece também os que de frio se juntam.
Não ilumina também os rostos que se curvam.
Apenas brilha bruxuleia ondeia
indefectível próxima dourada.
Tudo é incerto ou falso ou violento: brilha.

Tudo é terror vaidade orgulho teimosia: brilha.
Tudo é pensamento realidade sensação saber: brilha.
Tudo é treva ou claridade contra a mesma treva: brilha.
Desde sempre ou desde nunca para sempre ou não: brilha.
Uma pequenina luz bruxuleante e muda
como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Apenas como elas.
Mas brilha.
Não na distância. Aqui
no meio de nós.
Brilha.

Jorge de Sena (in Fidelidade, 1958)



Conheça ilha mais remota do mundo e saiba por que ninguém se muda para lá

Tristão Da Cunha, localizada no Oceano Atlântico Sul, possui apenas 236 habitantes

No planeta Terra existem vários lugares remotos que poucas pessoas acessam. Uma dos locais mais marcantes nesse sentido é uma ilha que pertence ao Reino Unido. Acessível apenas de barco, a ilha de Tristão da Cunha fica no Oceano Atlântico Sul, a 2.787km da Cidade do Cabo, na África do Sul, e a 3.949km de Mar del Plata, na Argentina.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Tristão Da Cunha, localizada no Oceano Atlântico Sul, possui apenas 236 habitantes

Tristão da Cunha possui somente 236 habitantes, segundo seu site oficial. São 10 famílias que conhecem este lugar por dentro e por fora e que se adaptaram a uma vida em um dos locais mais remotos do mundo. Uma das grandes vantagens é a segurança do local.

"Você pode deixar as crianças irem a qualquer lugar, quero dizer, a qualquer lugar. Não tranca-mos a porta com ferrolho ou chave, deixamos as janelas e portas abertas. Não há fechadura alguma", disse um morador local em entrevista para o documentário da BBC, Ilhas do Tesouro da Grã-Bretanha (2016).

O engraçado é que para viver neste local é necessário que exista uma "ligação familiar", por isso nem todos podem mudar-se para esta ilha remota.

"Não é possível imigrar para Tristão a menos que você já tenha uma ligação familiar com a ilha. Mesmo nesse caso, existem certas restrições para residência. Não é possível comprar imóveis ou propriedades nas ilhas", destaca o site oficial.

Além disso, existem poucos empregos disponíveis para expatriados com contratos a prazo, tais como: médicos, conselheiros educacionais e conservacionistas. Esses contratos geralmente duram dois anos e são empre-

gos profissionais. As pessoas que queiram candidatar-se a estas ofertas de emprego devem estar em boas condições de saúde, falar inglês e possuir as qualificações exigidas.

Como se não bastasse, quem quiser viajar até este local deve fazê-lo de barco, pois é a única forma de chegar até lá. A maioria sai da África do Sul e demora quase uma semana ou mais para chegar, sempre dependendo do clima. Somente se o nevoeiro permitir, você poderá atracar em sua capital, Edimburgo dos Sete Mares. Da Argentina, o caminho mais rápido seria: voar para a África do Sul e navegar sete dias desde a Cidade do Cabo.

Como é morar em Tristão da Cunha

Tristão Da Cunha tem um policial, um bar, um armazém e 236 moradores estáveis que vivem no eixo de um vulcão ativo, "1961", batizado em referência ao ano de sua última erupção. O gelo no seu cume serve como fonte de água potável durante todo o ano.

Os habitantes desta ilha produzem alimentos, embora também dependam de cargueiros internacionais.

A cada seis semanas, recebem um navio que lhes fornece mantimentos para o supermercado, correspondência, jornais e botijões de gás, entre outras coisas. Esta ilha já foi um marco para os navios que transitavam pelas rotas comerciais entre a Europa e o Oceano Índico. A BBC diz que o local foi descoberto em 1506 pelo navegador português Tristão da Cunha, daí o seu nome. No entanto, durante mais de 100 anos, permaneceu desabitada.

Seus primeiros colonos chegaram em 1816, com a ocupação britânica. Eles eram todos homens. Três anos depois, quando Londres decidiu construir a base, três marinheiros decidiram permanecer na ilha. As primeiras mulheres chegariam pouco depois, vindas da ilha de Santa Helena, o território habitado mais próximo, a 2.431km de distância (mundialmente famoso por ter sido o local onde Napoleão Bonaparte foi exilado e onde morreu em 1821).

Foi assim que Tristão Da Cunha começou a ser povoado. Em 1875, as ilhas foram declaradas parte do Império Britânico e, em 1950, a Inglaterra enviou o primeiro "administrador", figura que continua sendo a principal autoridade até hoje.



FOTO: REPRODUÇÃO

Localização de Tristão da Cunha no mapa: cidade de continente mais próxima é Cidade do Cabo, na África do Sul



FOTO: DIVULGAÇÃO

Museu The Thatched House é um dos atrativos turísticos da ilha de Tristão da Cunha

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Entre aqueles que conviveram com o Revmo. Pe. José Duque de Siqueira, uma personalidade respeitada na vida religiosa e social de São Tiago, muitos ainda relatam, ensinamentos que ele repetia com insistência em suas homilias. Eram alertas sobre o futuro que, à época, pareciam distantes, mas que hoje muitos consideram atuais.

Segundo antigos paroquianos, o sacerdote atento aos acontecimentos sociais e aos sinais de mudança no comportamento humano, costumava dizer que chegaria um tempo em que o mundo seria tão diferente que pareceria “um outro mundo”. Um tempo em que os valores familiares estariam fragilizados, em que filhos deixariam de respeitar pais e pais deixariam de se solidarizar com os próprios filhos. Nas suas palavras, seria uma época marcada por uma espécie de distanciamento afetivo, no qual cada um caminharia sozinho, sem os laços profundos que sustentavam a convivência das gerações.

Em suas pregações, Pe. José Duque alertava: “Vai chegar um tempo que nós talvez não estaremos aqui para ver... talvez seus netos é que irão ver e testemunhar.”

Dizia ainda que a relação entre pais e filhos seria tão abalada que muitos sequer se reconheceriam mutuamente: pais que não cuidariam dos filhos, filhos que abandonariam os pais, e uma indiferença generalizada que seria tomada como algo normal. O mundo, segundo ele, ficaria “de cabeça para baixo”, invertendo os valores que sustentaram a família e a sociedade por séculos.

Além das suas visões sobre a “comunicação no futuro”, que foram recordadas e passadas entre as gerações, ele dizia que viriam tempos em que tudo seria tão rápido, tão imediato e tão distante ao mesmo tempo, que as pessoas não conseguiriam acompanhar a velocidade dessa mudança. Afirmava que “o tempo iria correr demais” e que muitos ficariam confusos, ansiosos, sem conseguir entender ou acompanhar essa nova forma de viver.

Segundo relatos, o sacerdote dizia: “O mundo vai mostrar

que é assim mesmo, que está tudo certo... e as pessoas vão achar natural.”

Era como se antecipasse a chegada de uma sociedade acelerada, marcada por rupturas nos vínculos, pela pressa, pelo individualismo e por transformações tecnológicas que alterariam profundamente o modo das pessoas se comunicarem entre si.

E acrescentava, com firmeza profética: “Isso não vai demorar muito não... pelo menos uns cinquenta anos. Daqui uns cinquenta anos, quem tiver aqui vai perceber que o que eu estou falando é verdade.”

Essas palavras, repetidas segundo muitos fiéis, ficaram guardadas na memória das pessoas. Hoje, quando tantos observam crises familiares, mudanças no comportamento humano, o isolamento moderno, ansiedade, saúde emocional abalada e o ritmo acelerado da vida, muitos reconhecem nesses relatos uma espécie de profecia moral, uma leitura espiritual e humanista dos tempos que viriam.

Para aqueles que o conheceram, não era incomum que Pe. José Duque proferir essas palavras, pois era um homem sábio, a frente do seu tempo. Seus alertas e previsões também eram chamados à responsabilidade, à preservação dos valores familiares, ao cuidado mútuo entre gerações e à atenção aos sinais do tempo.

O que permanece, sobretudo, é a recordação de um sacerdote virtuoso que, com amor pela sua gente, procurou orientar e preparar a comunidade para os desafios de um mundo em transformação.



Memorial rememora os 80 anos da posse do primeiro bispo da Diocese de Oliveira

Por Marcus Santiago

Em dezembro de 2025, o Memorial Santiaguense promoveu, em uma de suas exposições temáticas, homenagem alusiva aos 80 anos (1945–2025) da posse episcopal do primeiro bispo da Diocese de Oliveira, o Exmo. e Revmo. Dom José Medeiros Leite, cuja jurisdição eclesiástica abrange a Paróquia de São Tiago.

Dom José Medeiros Leite exerceu papel relevante na organização e consolidação da Diocese de Oliveira, conduzindo seu episcopado com firmeza pastoral, sensibilidade e visão administrativa. Destacou-se pelo empenho no fortalecimento das paróquias, pela proximidade com o clero e pela atenção às comunidades, contribuindo de maneira significativa para a estruturação e a unidade da vida eclesial na região.

Ao registrar esta efeméride, o Memorial Santiaguense – Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago reafirma seu compromisso institucional com a preservação da memória religiosa, cultural e histórica, reconhecendo a importância da atuação episcopal de Dom José Medeiros Leite para a trajetória da Igreja Particular de Oliveira e das comunidades que a integram.



COSMOGÊNESE

ASPECTOS DA VIDA E EVOLUÇÃO NO UNIVERSO

"Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco" (Jo 10:16)

"O Senhor dos Exércitos passa em revista sua legião de guerreiros; vieram de terras longínquas, dos horizontes mais distantes. Porão eles abaixo todos os que praticam a injustiça, os orgulhosos, os soberbos, os prepotentes" (Is 13, 4-5 – 13,11)

Mundos evoluídos, esferas luminosas, santuários magníficos pulsam, povoam o cosmos. Reinos siderais de energia e matéria, sistemas estelares e constelacionais, famílias planetárias dimanam, universo afora, através de diferentes dimensões e realidades, por onde Deus irradia Seu pensamento supremo, pleno, soberano, incognoscível, à mente humana. A Consciência Suprema tudo gera, tudo orienta, tudo regula. Tudo quanto existe, pulsa, preenche todos os campos da vida, é essência e plasma divinos... Envoltos achamo-nos ainda pela ignorância, insensatez, inconsciência – andarilhos que somos pelas estradas do ego – ante quadros tão exuberantes, feéricos, gloriosos que constituem e exalçam a Obra Divina.

Não nos achamos isolados, solitários no universo. Longe disso. Compomos um caudal infinito, uma família universal de sóis, mundos, planetas, civilizações dispersas no espaço, as "muitas moradas do Pai", (Jo 14,1-3) onde o espírito evolve sua consciência, assoma à inteligência, se aprimora através de mil experiências interdimensionais. Os planetas habitados atuam como palcos civilizados, oficinas de trabalho, universidades, estúdios de dramas e amores, como também centros de acrisolamento, abstergência em seus múltiplos campos vibracionais. Uma variedade imensurável de seres, formas, manifestações de vida que se desdobram no tempo e no espaço, em sua maioria, sobrepostas aos nossos modelos e conceitos, ainda elementares... Os educandários planetários passam, por sua vez, por processos seletivos, juízos periódicos aplicados aos seus inscritos. Assim, aqueles que não se ajustam aos modelos e exigências evolutivos, definidos pela Sabedoria Celestial, são remanejados para outros orbes, adequados à realidade a consonância evolucionária, com seu padrão vibratório insurrecto. Eis a atual situação de nosso planeta, em transição para nova civilização mais espiritualizada, fraternalista, universalista, renovada conforme ajustado pelo Pai. Espíritos pífidos, desequilibrados, reprovados, belicistas, não mais poderão compartilhar a nova civilização que ora surge, destinada aos mansos, aos lídimo obreiros de Cristo.

Infundáveis orbes, à maneira da Terra, compõem e abrigam civilizações, com suas formas e manifestações de vida, de inteligência, campos vibratórios e energéticos, dimensões físicas e hiperfísicas (os chamados universos paralelos), modelos e organizações biológicas próprias, estas as mais ilimitadas e por vezes surpreendentes. Os mundos são formados pela força do Verbo, a partir da Vontade Suprema e, no caso de nosso planeta, com a presença e atuação potencializadora de Cristo, expressão Este do Absoluto, participe da natureza e da grandeza de Deus Imanente. A partir do fluido universal, os mundos dispersos nas amplidões do universo, foram/são estruturados pela Consciência Divina em várias dimensões – densas e energéticas.⁽¹⁾ Sejam elas físicas ou sutis, todas as camadas ou campos vibratórios são estuantes, prenhes de vida,

movimento, potência, campos abençoados de aprendizagem e evolução. A espinha dorsal da estruturação e dinâmica do universo é o impulso evolutivo, ou seja, tudo evolui, tudo compõe a infinita, universal jornada da consciência. Todos os mundos, a tremularem pela imensidade sideral, semeados e inseminados pelo gérmen divino, formam o palco da evolução, onde os seres ensalam, encenam, em múltiplas experiências, e roteiros, sua infinita ascensão.⁽²⁾

Por mais complexa, variegada a vida no cosmos, tudo é equilíbrio, coerência, em seus propósitos definidos pelo Altíssimo⁽³⁾. O ser humano, como ente pensante, é o agente da Divindade, transformando o meio em que atua, da mesma forma que se autotransforma, utilizando-se de mecanismos como inteligência, livre arbítrio, razão, fé coerente. A história pessoal e coletiva é, por conseguinte, reescrita, reformada, consoante as normas maiores estipuladas pelo Código Evangélico, estabelecido presencionalmente, no contexto terrestre, há mais de dois milênios, por Cristo. Cabe-nos evoluir, desenvolver valores interiores e universais, dentre eles a fraternidade, a paz, justiça, enfim os "frutos do amor" (Gl 5,22); consubstanciar a plenitude psíquico-espiritual, de forma a transcendermos as fronteiras materiais inferiores, associando-nos aos propósitos elevados da Divindade.

A superfície terrestre, por sua vez, é forjada há milênios pelas pegadas humanas, cujas civilizações – em sua maioria rebeldes, insensatas, estioladas – se desenvolvem dentro do Plano Divino de pós intensa, depuradora caminhada, seus habitantes alcancem a lucidez e consciência espiritual. Uma história, via de regra, úrdida, nas teias do tempo, regada de ilusões e lágrimas, entremeio a lutas e lapidações existenciais. Surtos, sagas que obedecem/cumprem ao ritmo evolutivo cósmico, consoante o Sapientíssimo Roteiro do Cristo, o Excelso Timoneiro, que tutela e conduz, com total segurança, a nau terrestre em meio a arroubos militaristas, cataclismos, prepotências, convulsões sociais e telúricas de toda sorte.

Integrada, doravante, ao círculo de coletividades estelares mais venturosas e felizes, nosso planeta se reconecta à grande família universal. Embora as diversas raças, povos que constituem a humanidade, com suas identidades históricas, culturais, formamos uma comunidade espiritual e consciencialmente integrada, irmanada por sentimentos maiores de amor, fraternidade, paz, arduamente alcançados. e sempre tutelados pela Misericórdia Divina.

NOTAS

(1) A evolução se processa por elos inquebrantáveis, numa linha contínua, numa ascensão interminável, infatigável. Tudo se conecta, abrange, evolve em cadeias indissociáveis de vida – do inerte à estese, do gérmen aos imensos monólitos e orbes siderais, abarcando todos os campos – físicos, mentais, sociais, conscienciais. "Vimos do princípio das moneras / buscando as perfeições absolutas" (Augusto dos Anjos – Evolução). O Monismo, na acepção do filósofo italiano Pietro Ubaldi: "Uma única subs-

tância, uma única lei.”

Velocidade, eletricidade, gravitação, alguns dos fatores preponderantes da evolução emergem, se impulsionam a partir da energia, atingindo o “núcleo da matéria”, a liberação de elétron, daí ao hidrogênio, hélio, lítio, berílio sucessivamente os 92 elétrons. O choque da eletricidade com a matéria inorgânica faz despertar o psiquismo latente na energia, originando-se a vida. Iniciando-se no mineral, o psiquismo evolui para o vegetal, animal, hominal, cósmico, cumprindo-se, gradativamente, a plenificação ético-intelectivo-espiritual.

(2) Inumeráveis, senão insondáveis para os nossos atuais parâmetros, as civilizações espalhadas no orbe sideral, nos mais diversificados estágios evolutivos. Cabe, às mais avançadas ética e espiritualmente, auxiliar as outras em estágio inferior, muitas vivenciando ainda numerosos dramas – daí a ocorrência de migrações planetárias, sejam em caráter rotineiro, sejam em situações especiais. A Bíblia relata que “como os homens multiplicavam-se sobre a Terra e lhes nasceram filhas formosas, vieram os homens de Deus (nephilins) e as tomaram para si” (Gn 6,1-2).

Segundo o cientista e arqueólogo russo Zecharia Sitchin, o termo hebraico “nephilins”, muitas vezes traduzido como “gigantes”, literalmente significa “aqueles que foram lançados” ou “desceram” à Terra. “Havia, naqueles tempos, gigantes na terra e ainda depois quando os filhos dos deuses conheceram as filhas dos homens e estas deram-lhes filhos valentes” (Gn 6:4).

Assim, povos mais avançados, irmãos de outras estrelas, a exemplo de Sirius, Aldebarã, Antares auxiliaram a jornada terrestre desde os primórdios, sejam como um simples e operoso cidadão, sejam como governantes, instrutores religiosos. A Terra recebeu, ademais, em tempos idos, na condição de migrantes ou exilados, a presença de entes oriundos do planeta Capela, na constelação de Cocheiro, que dinamizaram, se circunscreveram principalmente à civilização indoeuropéia. Povos orientais, mormente japoneses e chineses, receberam, por sua vez, a guarida e patrocínio de seres de Aldebarã. Nos tempos atuais, o planeta vem recepcionando grande quantidade de entes e obreiros do planeta Alcione, na constelação de Plêiades.

(3) Inacessível à mente humana, em estágios atuais, a compreensão e apreensão da origem da Criação, geração da vida e do espírito e mesmo seus processos/estágios de despertar, pois nos é impossível, desafiador à inteligência, acessar a intimidade da mônada celeste e os primórdios cósmicos, em tempos (ou não tempos) que se dilatam na eternidade. “Deus é a primeira causa eficiente, causa primeira de tudo” (S. Tomás de Aquino).

“O mundo em seu berço não foi estabelecido na virilidade e plenitude da vida; não, o Poder Criador não se contradiz jamais e, como todas as coisas, o universo começou menino” (Allan Kardec, A Gênese, Cap. 6:15).

Segundo a cosmologia moderna, e hoje tese dominante, o universo surgiu a partir de grande explosão e expansão (o chamado Big Bang) acerca de 13, 73 bilhões de anos. Eis o que afirmam cientistas reverenciados como Edwin Hubble, George Lemaitre, Stephen Hawking, consubstanciados nas equações (teoria da relatividade) de Albert Einstein. Assuntos hoje enriquecidos com estudos de física quântica, observações de avançados telescópios e sondas espaciais. Estima-se que o surgimento da Terra se processou há 4,6 bilhões de anos, através de força gravitacional e aglutinação de matéria (gases e poeira cósmica) e seu posterior resfriamento. A vida, tal qual a conhecemos, levaria ainda milhões e milhões de anos, com o surgimento dos primeiros e rudimentares seres vivos.

CIVILIZAÇÕES REMOTAS

Nosso planeta, segundo fontes diversas, agasalhou respeitáveis civilizações, em um passado mais distante, dentre estas Lemúria, Atlântida. Muito embora ainda questionadas por estudiosos, há milhares de referências às mesmas, em especial à Atlântida, cujo continente teria submerso, de vez, há cerca de 12.000 anos.

Inúmeras outras civilizações e povos brilharam, por sua vez, a evolução da humanidade como o Egito antigo, sumérios, babilônicos, medo-persas, gregos, hindus,

japoneses, chineses, romanos, com suas ricas culturas e complexas tradições, misto de ensinamentos religiosos, filosóficos, crendices.

Um dos mais expressivos povos foram os judeus, que muito contribuíram para a estruturação e avanço espiritual da humanidade, com a crença na existência de um Deus único (monoteísmo).

Há que se registrar a exuberância das civilizações americanas, como maias, astecas, incas, que teriam sua derrocada ante a invasão e o saque pelos colonizadores espanhóis a partir do século XVI, além de vitimados por insidiosas epidemias...

Longa a trajetória civilizatória, onde o arbítrio de governantes e potentados, o predomínio execrável de grupos políticos, religiosos, econômicos se acentuaram, promovendo guerras, dissensões, crueldades, o que se processa, deploravelmente, até os nossos dias. Ressalte-se, outrossim, que, gradualmente, de forma acanhada, as sociedades vem se desenvolvendo, se humanizando, adquirindo melhoras nos campos moral, científico, espiritual. Reverborações progressistas, luminosas, regeneradoras são projetadas pelo Plano Divino, impulsionando o desenvolvimento terrestre, o aperfeiçoamento e renovação da sociedade em seus múltiplos aspectos.

Vivemos hoje, alegoricamente, uma “adolescência”, no dizer da pesquisadora Elisabeth Sahtouris, cabendo-nos assumir responsabilidade cósmica, maturidade integral de nossas ações.



ASSÉDIO E FORMAS DE VIOLÊNCIA INFANTIL NO PASSADO

Temas como bullying, stalking, harassment, grooming, hoje frequentes no noticiário midiático, famílias, escolas, tribunais, igrejas, órgãos públicos tornaram-se ponto de debates entre educadores, autoridades, juristas, religiosos e sociedade em geral. A preocupação e o dever em respeitar e proteger os direitos individuais e civis nos termos da legislação vigente e das normas de civilidade, mui extensivamente à criança, ao jovem, à mulher, afrodescendentes, ameríndios, deficientes, LGBTQ+ vítimas contumazes de discriminação. Registre-se que somente nos últimos tempos, tais temáticas tem adquirido maior relevância, com consideráveis avanços em termos de direitos e dignificação humana. O combate ao assédio em suas mais variadas dimensões – moral, sexual, virtual – como insultos, comentários depreciativos, exposição a piadas, insinuações de caráter pessoal, causando humilhação, dor, desconforto, constrangimento.

O assediador – pessoas como tantas – impermeáveis à sensibilidade, ao equilíbrio, não sabendo lidar com frustrações, lançam, por vezes até a exaustão, sua raiva, seus colapsos emocionais e existenciais, seus descontroles e primarismos sobre o próximo, permitindo-se exercer a tirania do abuso e da impropriedade comportamental.

E, entre nós, no passado, onde a prepotência de superiores, a omissão da sociedade, a inexistência de leis trouxeram/deixaram tantos traumas nas vítimas da violência institucionalizada?! Alguém já disse que nossos psicólogos do passado foram a vassoura, o relho, o chinelo, bagos de milho, palmatória. Amargas, para muitos adultos e idosos de hoje, as lembranças de tempos de escolas, internatos⁽¹⁾, mesmo seminários e quartéis. Desrespeitos, agressões físicas e verbais, promiscuidade, sevícias marcaram o histórico de quantos que, pelos inícios/meados do século passado, frequentaram educandários e internatos, deles guardando sequelas tantas. Arrancadas as crianças dos lares paternos, ao regaço materno, na mais tenra idade, na mais pura inocência, geralmente por razões de estudos ou de desagregação familiar, penetrariam, muitas delas, um mundo assustador, inimaginável, em meio a estranhos com suas idiosincrasias, deturpações, perversões. Ambivalências, contradições torturantes da educação e do processo inserção da criança no mundo social.

Até mesmo brincadeiras, por vezes abusivas, agressivas, pejorativas, envolvendo crianças com sobrenomes de animais, o que, segundo sociólogos, tem suas origens em estereótipos e associações culturais existentes há séculos e que usados, malversados, provocam constrangimentos, lesões de ordem psicoemocional graves. Trata-se, provavelmente, de tradição medieval, onde insultos eram uma forma de entretenimento verbal, um jogo linguístico-metafórico conectado ao humor, à crítica (o comparar, de forma ridícula ou afrontosa, uma pessoa, conectando-a a um animal era – e ainda o é – uma forma de rebaixamento ou intimidação do outro. Assim, chamar alguém de porco, jumento, jararaca etc).

Hoje, intituladas como “bullying”, “teasing”, tais manifestações sofrem penalidades, com previsões na legislação brasileira vigente. Há, infelizmente, uma tendência em provocar/implicar com quem é diferente, não só com o nome, mas também aspectos fisionômicos e fisiognômicos – cabelo ou penteado distinto dos demais, terminologia verbal (pessoa com sotaque, com erros de dicção etc.), mesmo um nome diferenciado ou tido como exótico, incomum.

Quantos, já anosos, não se vêem com os olhos marejados, conquanto há anos ressequidos, ao se lembrarem das expe-

riências acerbadas, sulfúricas de outrora! E como discutir com o passado?! Como neutralizar pedaços cáusticos, que, por vezes, fumegam, corrosivos fogos fátuo dentre as brumas do tempo? A uma mera lembrança, o pano do palco se levanta e vozes, vultos, pesadelos como que ganham vida. Sombras ressurrectas, figuras dantescas em transe, forçando as entradas laterais da mente – naufragas de tempos que deveriam ser de candura, bonança, sementeira.

Assustador ver naquele adulto, a quem cabia cuidar, ensinar, ter e manter comportamento exemplar, ali ensandecido, exasperado, agressivo, quando não corruptor, predador para com as crianças indefesas, vulnerabilizadas. Nestas, as reentrâncias se faziam visíveis, arfantes, tamanho o esforço de aspirar o ar, ante os seios violados, as maçãs do rosto esvaziadas. A quem a família, a sociedade delegara a missão de cuidar da lavoura tenra, ei-lo a lançar granizos, despedaçar folhas e flores, colocar em risco a frutificação, a maturação.

NOTAS

(1) *Internatos eram instituições educacionais onde os alunos residiam durante o período letivo, com foco geralmente nos ensinos primário e secundário ou ainda superior. Parte dos internatos era vinculada a congregações religiosas, católicas ou evangélicas, envolvendo a formação integral dos alunos, inclusive a moral-religiosa. Existiam ainda instituições – orfanatos, Febem – de atenção ao menor desprovido de família ou de comportamento antissocial, geridas pelo Estado ou organismos religiosos.*

Muitas histórias de medo, silêncio, danos irreparáveis a muitas crianças e jovens internos, submetidos a humilhações, assédios, apelidos desrespeitosos, violências de toda sorte, incluindo torturas, desnudamentos em público, estupro. Não havia, ao que se parece, um ponto de referência e congruência entre o que era pedagógico e legalmente correto daquilo que provocaria tantos traumas aos frágeis educandos internos. Quantas instituições religiosas, leigas e estatais não eram/foram administradas por déspotas, com graves falhas dos responsáveis em honrar, reconhecer, amparar, cuidar, dignificar aqueles infantes que lhes foram confiados pela família e sociedade? Instituições que, dolorosamente, atraíam pederastas, abusadores, sádicos...



“Causos” de viagens pelo Brasil



MOUZAR BENEDITO

Escritor, geógrafo e contador de causos.

Quando era criança, eu pus na cabeça que tinha que conhecer todos os estados brasileiros.

E conheci mesmo, até Fernando de Noronha, que era território federal quando fui lá a trabalho, e hoje é um distrito de Recife.

Enfim, estive pelo menos uma vez em cada estado brasileiro. E isso me fez conhecer melhor o nosso povo e nossa cultura.

Viajei muito, de trem, ônibus, carona, barco e às vezes tinha que andar um pouco a pé, conhecendo lugares onde o asfalto não chegava. E me hospedava sempre em hotéis baratos, sem atrativos, e ficava fora dele quase todo o tempo, assim me relacionava mais com o povo simples.

O último estado que conheci foi Tocantins, que se separou de Goiás. Quando fui lá, eu me lembrei de um movimento de políticos inexpressivos do Sul de Minas querendo criar um estado lá, alegando abandono da região pelo governo estadual.

Outras pessoas insatisfeitas, mas que não cobiçavam cargos políticos, diziam que preferiam que a região se transferisse para o estado de São Paulo.

E virou uma gozação, de cara dizendo: “Vou ter que mudar. Não me acostumo com o clima de São Paulo”. E outros dizendo: “O chão de São Paulo produz batata que é uma beleza. Vou virar produtor de batata”.

E me lembrei também de uma viagem que fiz pelo oeste da Bahia. Tinha como destino a cidade de Barreiras, que hoje é grande, mas na época era pequenininha.

Peguei um ônibus em Ibotirama, na margem do São Francisco. A viagem era demorada. Tinha que percorrer uns 700 quilômetros de estrada de terra.

No ônibus lotado, com muita gente em pé, numa estrada que além de não ser asfaltada era bem esburacada, um sujeito fala-

va mal dos brasileiros em geral, e especialmente dos nordestinos. Para ele todo brasileiro era preguiçoso.

Só que ele também era nordestino, maranhense. E começou a falar mal não só das pessoas, mas dos estados também. Só falava bem do Maranhão, governado por José Sarney, o único estado que prestava, na opinião dele.

Faço um parêntese aqui: outros maranhenses, que também estavam no ônibus, discordavam dele. Esse falando besteiras era uma exceção.

Bom... Um rapaz se disse piauiense e falou com o sujeito que os estados deles iam se juntar e formar um grande estado. Piauí e Maranhão se uniriam, já estava aprovado no Congresso.

O maranhense fanático mudou de conversa, falando de como seria poderoso o novo estado. Elogiava, esquecendo que até pouco antes falava mal de outros nordestinos. Aí o piauiense fez um ar de gozador e disse:

— Pois é, o estado juntando o Piauí e o Maranhão vai se chamar Piorão.

Um cearense brincalhão discordou do piauiense e falou:

— O Piauí vai se juntar é com o Ceará, e o novo estado vai se chamar Piorserá.

Aí todo mundo riu, inclusive maranhenses, cearenses e piauienses.

Com orgulho de serem nordestinos.



Ilha de Fernando de Noronha foi um dos destinos do escritor

Caixeiros-viajantes

Por Vanderlei Antônio de Araújo
Goiânia - Goiás - Brasil 83 anos

João Cardoso era o dono de uma humilde pensão, em Córrego da Mata. Juntos, ele e o neto de oito anos cuidavam do negócio desde que sua mulher morrera e a filha, mãe solteira, resolvera sair pelo mundo, não mais voltar e nem mandar notícias. Por ser o melhor estabelecimento do gênero na cidade, sua pensão era procurada pela maioria das pessoas que lá chegavam.

Sem problemas administrava seu negócio, tranquilamente, embora uma vez ou outra, era perturbado por certos hóspedes que reclamavam de tudo e ainda aprontavam, causando-lhe muitas vezes prejuízos. Por isso ele decidiu nunca mais hospedar tais indivíduos, especialmente caixeiros-viajantes, principais causadores de seus aborrecimentos..

Não era só ele que pensava assim. Para a maioria dos donos de pensão da cidade, caixeiros-viajantes não passavam de pessoas sem educação e encrenqueiras. Sujavam as paredes dos quartos, inundavam os banheiros, emporcalhavam as toalhas. Além destas e de outras bagunças, ainda reclamavam do preço e no menor descuido, davam o calote nos proprietários. Caixeiros-viajantes, dizia, nunca mais põem os pés na minha pensão. Quando chegava alguém, maletas na mão, com cara de caixeiro-viajante e iam preencher as fichas, era a primeira coisa que ele perguntava. Se a resposta fosse positiva, negava a hospedagem na hora. Não adiantava insistir.

Certo dia, chegaram na cidade três homens. Bem vestidos e muito educados, mas com caras de caixeiros-viajantes. Vieram no ônibus da capital e queriam hospedar na melhor pensão da cidade. João Cardoso perguntou se eram caixeiros-viajantes. Negaram categoricamente. Talvez soubessem da discriminação do dono.

Sem argumento para desmentir decidiu hospedá-los. Todavia, ele ficou muito desconfiado. A temporada estava em baixa. Os hóspedes rareavam. Com a pensão vazia não tinha motivos para não ceder.

Colocou-os num quarto com três camas, conforme pediram, e em seguida, chamou o neto e mandou que os vigiasse e tentasse descobrir a verdade. Queria ter a certeza de que eles não o estavam enganando. Logo que entraram no quarto, o menino foi espiá-los pelo buraco da fechadura. Algum tempo depois, deixou o posto de observação e apavorado com o que viu, chamou o avô e disse:

— Vô eles são mesmo caixeiros-viajantes.

Seu avô assustado perguntou:

— O que você descobriu para ter tanta certeza?

— Olhei pelo buraco da fechadura. Um limpou os sapatos com a toalha. O outro urinou no canto do quarto.

— E o terceiro, o que fez? Perguntou o avô, impaciente.

— Abriu a janela do quarto e gritou bem alto: Nesta terra só tem corno.

— Realmente são caixeiros-viajantes, disse o avô, muito contrariado.

AO PÉ DA FOGUEIRA

FOTO: PT.VECTEEZY.COM



LUZ PARA TODOS E A FAZENDA PARA ESPERTOS

A energia elétrica chegara, enfim, àqueles rincões, ai pelas beiradas do Rio das Mortes. Passadas décadas, mais de século de invenção da lâmpada elétrica (criada em 1879 por Thomas Edison) eis que o Estado parasitário, elitista, propriedade de minorias privilegiadas, sai do marasmo e implanta um programa denominado “Luz para Todos”¹, contemplando termos e ermos do território mineiro. A idade das trevas chegara ao fim para aquelas famílias isoladas do meio rural. Uma das beneficiárias, decerto a poder de muita reza e indignação, proprietária de pequena fazenda nas barrancas do Rio das Mortes, passaria, afinal, a receber iluminação. D^a Saninha, como era chamada, vivera, como milhões de mineiros em pleno século XX, no escuro, à base de lamparina de azeite de mamona ou do fétido lampião a carbureto, enquanto a nobreza montanhesa vivendo no luxo dos palácios e das honrarias abjetas próprias de um poder espoliador, obscurantista, repulsivo.

Uma empresa terceirizada encarrega-se de instalar a rede elétrica – fiação, posteamentos etc. – conectando-a às propriedades beneficiadas. D^a Saninha cuidava de seu pequeno sítio em companhia de uma sobrinha, que a ajudava no trato de animais, afazeres diversos, limpeza. “Vivo aqui por teimosia e por não gostar de latomia de cidade”, justificava-se. Os filhos, já maduros, não vislumbrando perspectivas de sobrevivência, de há muito tinham desertado daquelas eiras e beiras, homiziando-se na cidade, de onde eventual-

mente visitavam a mãe. Propriedade sem estradas decente de acesso, sem telefonia, sem a mínima presença do poder público espoliador e omissor.

O responsável pela empresa terceirizada observa ardilosamente que D^a Saninha, mulher simples, de pouca escolaridade, ausentes os filhos, seria presa fácil para uma extorsão, preparando-lhe um bote. Informa à sitiante que necessitava colher assinaturas para fins de instalação e regularização da rede, inscrições junto à CEMIG e outras trapaças mais, apondo inúmeros papéis em branco, inclusive recibos forjados, em meio à documentação formal.

De posse do material, na surdina, com a cumplicidade de terceiros e de notários inescrupulosos, elabora um falso contrato de compra e venda do imóvel. Nesse ínterim, D^a Saninha se enferma, passando a tratamento em cidade histórica da região, oportunidade em que o falsário se apossa do imóvel. Questionado, apresenta cópia de escritura, recibos de pagamento do imóvel e por aí afora, tudo falsificação.

Inicia-se um rumoroso processo judicial, onde ao cabo de anos e anos de “escuro” (só que desta vez no âmbito de nossos notáveis fóruns, onde se faz necessário, de há muito, um “luz para todos” em termos de agilidade, modicidade, translucidez e praticidade), enfim comprovou-se a fraude arquitetada pelo empreiteiro. O “comprador” afirmava ter pago a aquisição em dinheiro em espécie, mas não conseguiu provar a origem (não tinha lastro bancário, nem registros no fisco). “Testemunhas” da venda, quando ouvidas em audiência, se corrigiram, alegaram que assinaram a pedido do escrivão. D^a Saninha, a esse tempo, já tinha passado desta para a melhor e os filhos, embora vencendo a pugna jurídica, escorchados por horripilantes custos judiciais, processuais, optaram por desfazer-se do imóvel.

¹ Programa “Luz para Todos” surgiu em 2003, através do Decreto n. 4873, de 11-11-2003 e relançado pelo Decreto n. 11628 de 04-08-2023, objetivando universalizar o acesso do cidadão à energia elétrica.

Realização:



Apoio:

